

DISPUTA DE UMA REITORIA: A CENOGRAFIA DOS DISCURSOS¹

Maria Celeste Said S. MARQUES

RESUMO *A partir da Análise do Discurso de linha francesa, a autora analisa discursos produzidos em uma disputa eleitoral para reitor de uma universidade, no período de agosto de 1992 a junho de 1994. A dissertação destaca como modelo de análise a Cenografia Enunciativa, constituída a partir dos lugares discursivos, dos lugares fundadores e da heterogeneidade mostrada dos discursos produzidos pelos grupos em confronto. A instituição do modelo referido acima é uma combinação de conceitos e categorias desenvolvidas por Pêcheux (1969) e Fuchs (1975), Maingueneau (1987) e por autores, como Bakhtin e Foucault. Esta dissertação tem a especificidade de analisar uma quantidade significativa e variada de textos tais como: programas informativos de campanha, artigos de jornal, documentos jurídicos e panfletos, constituidores da cenografia enunciativa de discursos produzidos em uma disputa eleitoral no meio acadêmico. O que essa dissertação mostra é, em primeiro lugar, que uma disputa eleitoral numa universidade não é muito diferente de uma disputa eleitoral em outro contexto: utilizam-se os mesmos recursos e as mesmas estratégias discursivas. Entretanto, vale ressaltar que os resultados demonstram ser a Formação Ideológica (FI) a determinante das diferentes estratégias discursivas utilizadas a partir dos diferentes lugares discursivos e fundadores e não a Formação Discursiva (FD). Outro ganho significativo parece ser a demonstração da compatibilidade de conceitos de Pêcheux - imagens - e de Maingueneau - dêixis discursiva e fundadora. Essa compatibilidade mostra que, mesmo nos discursos teóricos, importam menos os sujeitos do que os discursos.*

RÉSUMÉ *En prenant comme point de départ l'Analyse du Discours de l'école française, l'auteur analyse des discours produits à l'occasion d'une campagne électorale pour le poste de doyen d'une université, pendant la période d'août 1992 à juin 1994. La dissertation met en évidence comme modèle d'analyse la Scénographie Enunciative, constituée à partir des lieux discursifs, lieux fondateurs et de l'hétérogénéité des discours produits par les groupes adversaires. L'institution du modèle ci-dessus est un mélange des concepts et des catégories développées par Pêcheux (1969), Pêcheux et Fuchs (1975), Maingueneau (1987) et d'autres auteurs tels que Bakhtin et Foucault. Cette dissertation analyse une certaine quantité de textes tels*

¹ Texto resultante da dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 30 de agosto de 1995, sob a orientação do Prof. Dr. Sírio Possenti

que les programmes et les informations du processus électorale, des articles de journaux, des documents juridiques et tracts, constitutifs de la scénographie énonciative des discours produits dans une dispute électorale au milieu académique. Ce que nous voulons démontrer à travers cette dissertation c'est qu'une campagne électorale dans une université n'est point différente d'une campagne ailleurs, dans n'importe quel contexte: les mêmes ressources et stratégies discursives y sont utilisées. En revanche, il vaut mieux remarquer que les résultats démontrent que c'est la Formation Idéologique (FI) et pas la Formation Discursive (FD) qui détermine les différentes stratégies utilisées à partir des différents lieux discursifs et fondateurs. Il paraît aussi que l'autre avantage est la démonstration de compatibilité des concepts de Pêcheux - images - et de Maingueneau - deixis discursive et fondatrice. Cette compatibilité montre que, même dans les discours théoriques, les sujets sont moins importants que les discours.

Vários problemas da Universidade têm sido objeto de estudo de pesquisadores preocupados com a definição do papel e da estrutura desta instituição no Brasil, entretanto o que detém minha atenção é um aspecto da universidade, para alguns uma saída, para outros, uma fonte de novas crises: a luta pela gestão da Universidade. Este tema, no entanto, é certamente muito amplo. Por isso, procedo ao estudo de um caso: uma disputa sucessória de reitoria, e seus desdobramentos, ocorrida na Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, a cujo quadro docente pertencço.

1. O PROBLEMA

Analisar o funcionamento de discursos produzidos numa disputa eleitoral para o cargo de Reitor de uma Universidade - o caso da UNIR - é examinar o funcionamento de discursos produzidos por grupos em confronto pelo poder, num cenário acadêmico relacionado em boa medida também com a política partidária local e nacional.

O caso em estudo é sobre os discursos produzidos durante uma luta de grupos em confronto pelo poder de administrar uma universidade e, conseqüentemente, uma contenda entre projetos pelo menos parcialmente diferentes de universidade, assim como pelos ganhos secundários que podem advir desse poder.

Neste artigo, nos propomos, especialmente, descrever a Cenografia dos Discursos abrangendo apenas a análise do material da campanha eleitoral, o que constitui o cerne da pesquisa realizada.

2. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS

Nossa análise fundamenta-se na perspectiva da terceira fase da Análise do Discurso (AD) francesa. Nesta proposta, alternam-se momentos de análise mais estritamente lingüística com momentos de análise discursiva. As marcas lingüísticas são tomadas,

aqui, como ponto de partida para a análise. Nos termos de Ginzburg (1980), dir-se-ia que tais marcas são nossas pistas. Mas, mesmo para encontrar as marcas lingüísticas relevantes, é preciso teorizar.

Supostamente, os diferentes grupos, ao enunciar seus discursos, assumiram-nos como verdadeiros. Não é nosso objetivo, no entanto, discutir a verdade ou falsidade de tais discursos ou os pontos fracos e falhos dos mesmos. A esse respeito, Maingueneau (1987:33), ao tratar da noção de “encenação”, alerta para o perigo que representa uma visão passiva da discursividade, que conceberia a cena como uma “duplicação ilusória, a re-presentação de realidades, de conflitos (sociais, econômicos) dados antecipadamente”. O referido autor alerta também contra “a idéia de que a linguagem constrói ‘cenas’ autônomas, de que, na sociedade, existem apenas efeitos de linguagem” (p.33).

Na perspectiva de nossa pesquisa, discurso e realidade não são exteriores um ao outro. Concordamos com Maingueneau (1987:34) quando afirma que “a ‘encenação’ não é uma máscara do ‘real’, (...) mas uma de suas formas, estando este real investido pelo discurso.”.

Segundo Maingueneau (1987), a AD, desde seu início, concebe as instâncias de enunciação “em termos de ‘lugares’, visando a enfatizar a preeminência e a preexistência da topografia social sobre os falantes que aí vêm se inscrever” (p.32). A especificidade do conceito de lugar é, para Flahault (1978:50), o “traço importante segundo o qual cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa”. O conceito de lugar é essencial nesta pesquisa, a partir do momento que nos propomos a analisar discursos em confronto num episódio de disputa pelo poder. A análise desses lugares comporá a “encenação”, que nesta pesquisa é chamada de “cenografia enunciativa” dos discursos.

A explicitação mais detalhada da Cenografia Enunciativa será realizada a partir da análise discursiva dos textos de campanha, tais como Programas e Informativos, por constituírem o núcleo representativo da “estratégia global do discurso” (Osakabe, 1979:59).

Os artigos de jornal, os documentos jurídicos e os panfletos constituem, no corpus, material periférico, apesar de representarem o material dominante de algumas estratégias discursivas mais contundentes e ofensivas. Outra razão para levar em conta, embora periféricamente, esta parte secundária do corpus, é que, embora não central para a análise que mais nos interessa, trata-se de textos facilitadores do acesso à Cenografia Enunciativa especialmente através da análise de estratégias discursivas, dentre elas, a heterogeneidade mostrada. Acrescente-se que o episódio que estamos analisando ganhou notoriedade depois da eleição, isto é, através de artigos na imprensa e de processos jurídicos. Sem este material, não haveria, a rigor, o “episódio UNIR”. Essa seleção é fundamentada na tese de Geraldí², que afirma que “uma FD seleciona os ‘*gêneros do discurso*’³ mais relevantes”. Por isso, para a análise discursiva do episódio eleitoral em

² Conversa pessoal com o autor.

³ Para Bakhtin (1970:270) “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

questão, selecionamos os gêneros discursivos referidos acima, que constituem os diversos capítulos.

Organização do corpus para análise

Antes de uma análise mais detalhada, e com base no número de chapas concorrentes àquela eleição, pode-se dizer que existiam quatro grupos que lutavam para dirigir a UNIR. Foram quatro candidatos a reitor, cada um com seu respectivo vice, que representavam seus grupos políticos na disputa eleitoral. Ocorre que, dentre essas quatro chapas, uma era considerada representante da situação vigente, visto que seus candidatos a reitor e a vice-reitor pertenciam à administração da UNIR, naquele momento, como Vice-Reitor e Pró-Reitora Acadêmica, respectivamente. Nas outras três chapas também havia candidatos que exerciam funções administrativas, mas, em seus discursos, colocavam-se como opositores à situação vigente.

Como são as condições de produção que determinam os lugares que constituem a cenografia dos discursos dos grupos em confronto, aí incluída a atividade e as escolhas dos sujeitos, fica claro que, o que define efetivamente aqueles sujeitos - em especial os que eram da administração, mas se alojaram em chapas de oposição - é o discurso que adotam. Escapa-se, assim, à tentação de classificar tais sujeitos - e outros - por critérios morais ou psicológicos discutíveis.

Após a eleição, com a vitória do grupo representante da situação, a luta pelo poder ficou mais acirrada. Os quatro grupos anteriores se reagruparam em dois: grupo 1, cujos membros defendiam a posse do reitor eleito, - **GDPE** e grupo 2, cujos membros lutavam contra nomeação dos eleitos e exigiam novas eleições - **GCPE**.

Assim, o corpus desta pesquisa possui a propriedade de permitir comparações: comparações no recorte do conteúdo (oposicionista, situacionista; favorável, contrário à posse do reitor eleito). E comparações no recorte do tempo (antes da eleição e após a eleição, até a anulação da lista sêxtupla). Essas comparações possibilitam determinar diferenças de comportamento discursivo, que remetem a diferenças de posições ideológicas. Ou seja, permitem analisar o funcionamento discursivo dos discursos dos grupos antes e depois da eleição.

Em quase dois anos e meio de luta acirrada pelo poder de gerir a UNIR, os grupos em confronto produziram programas de campanha, informativos de campanha, artigos de jornal, panfletos, documentos jurídicos, cartas abertas, pichações.

Esse material discursivo produzido no episódio sobre as eleições na UNIR é consistente e variado o suficiente para tentar um analista do discurso. Selecionei, do universo produzido e coletado, os discursos considerados representativos e relevantes, num total de 47 textos, que constituem um material rico o suficiente para minha dissertação de mestrado.

O corpus discursivo da investigação é constituído por 17 artigos de jornal, 02 reportagens de jornal, 04 programas de campanha, 05 informativos de campanha, 03 panfletos, 07 termos de declarações, 04 requerimentos, 01 abaixo-assinado, 04 processos, 01 estatuto, 01 memorial, 01 discurso de político.

3. A CONSTITUIÇÃO DA CENOGRAFIA ENUNCIATIVA

Os grupos em disputa eleitoral pela reitoria da UNIR constituem, através da enunciação de seus discursos, a cenografia enunciativa na qual o episódio eleitoral se desenvolve.

Em decorrência da especificidade do corpus em análise, o que proponho é instaurar um modelo de análise que considero mais eficiente, que chamo de cenografia enunciativa. Este modelo é constituído, principalmente, a partir da combinação de conceitos tratados por Pêcheux (1969), das reformulações desses conceitos em Pêcheux e Fuchs (1975) e de conceitos expostos por Maingueneau (1987), assim como pelo acréscimo de outros elementos, buscados, entre outros autores, em Bakhtin e Foucault. Isto significa afirmar que os modelos de cada um desses autores nos pareceu insatisfatório. Nossa preocupação é com a produtividade da análise que nos propomos realizar. Para tanto, pareceu impossível seguir ao pé da letra, e exclusivamente, qualquer um dos modelos mencionados. Por isso, ousamos, aqui, uma “combinação”.

3.1. Lugares: situação versus oposição

A partir de pistas indicadoras de relações interdiscursivas presentes nos textos oficiais de campanha, e percebendo sua regularidade, pudemos perceber, em parte, como essas relações se organizavam e o modo de seu funcionamento. Isto nos permitiu identificar efetivamente dois lugares discursivos: situação e oposição.

Partindo dos textos oficiais de campanha, analisaremos como são construídos os lugares de situação e oposição. Este será o próximo passo. Com base no fato de haver quatro chapas concorrentes à eleição, poder-se-ia supor que havia quatro grupos em luta pelo poder. Mas, três deles se colocavam contra a situação vigente, e um deles buscava sedimentar a situação. As condições de produção permitem-me, pois, agrupar os textos em dois eixos, ou dois discursos, ligados a dois grupos: *Grupo S* e *Grupo O*. Esta hipótese baseia-se em Foucault (1971: 44-45), quando diz que “o pertencimento doutrinário põe em causa ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito falante, e um através do outro. (...) a doutrina põe em causa os enunciados a partir dos sujeitos falantes, na medida em que a doutrina vale sempre como o sinal, a manifestação e o instrumento de um pertencimento prévio - pertencimento de classe, de estatuto social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou de aceitação. A doutrina liga indivíduos a certos tipos de enunciados e lhes proíbe, por conseqüência, todos os outros; mas ela se serve, em compensação, de certos tipos de enunciação para ligar indivíduos entre si, e diferenciá-los, por isso mesmo, de todos os outros. A doutrina efetua uma dupla sujeição: dos sujeitos falantes aos discursos, e dos discursos ao grupo, pelo menos virtual, dos indivíduos falantes”. Dessa forma, no caso do corpus que analisamos, pode-se afirmar a possibilidade de identificação dos sujeitos a partir dos enunciados e, ao mesmo tempo, de relacionar enunciados a determinados lugares de enunciação - no caso, situação e oposição.

Por isso, metodologicamente, para este trabalho, consideraremos que os sujeitos (e os discursos) estão divididos em dois grupos. Esta divisão baseia-se naquelas condições de produção e num conjunto de enunciados característicos de concepções e posturas políticas que tornam os membros de cada grupo semelhantes entre si e diferentes dos membros do outro, como mostraremos a seguir:

Grupo S (GS) - composto pelos sujeitos que adotam, basicamente, a posição de sedimentar a situação vigente. Seus discursos pressupõem que a situação anterior é boa e por isso os sujeitos de certa forma a defendem. Apenas pretendem melhorá-la, seguindo a mesma orientação.

O que caracteriza fundamentalmente os discursos do **Grupo O (GO)** é que seus locutores se colocavam contra a situação vigente e por isso, em seus enunciados, combatem um projeto de universidade que estava sendo desenvolvido, contra o qual se posicionam.

O destaque no acesso à cenografia enunciativa se dá através da análise de dois pontos fundamentais: 1) dos lugares discursivos e 2) dos lugares fundadores.

O que chamo de lugares discursivos parte da concepção de instâncias da enunciação como “lugares”. Os lugares discursivos são apreendidos a partir da produção dos sentidos que uma formação discursiva possibilita através da enunciação. Na pesquisa realizada, a constituição dos lugares discursivos compreende o sujeito e o outro discursivos, a topografia e a cronografia. Estes constituem o primeiro acesso à cenografia de uma formação discursiva.

Os lugares fundadores compreendem os discursos anteriores, que o discurso atual usa, repete e do qual retira boa parte de sua legitimidade.

A partir da análise dos lugares discursivos e dos lugares fundadores, descreverei como os sujeitos constroem a cenografia de sua autoridade enunciativa. Isto significa mostrar como eles determinam para si e para os destinatários (eleitor, adversário) os lugares que a enunciação requer para ser legítima.

3.2. Os Lugares Discursivos

3.2.1. A constituição do sujeito discursivo

O sujeito se constitui em relação ao outro num jogo de contraposições enunciativas. No nível dos juízos revestidos de determinada forma lógica e de um conteúdo concreto semântico determinado, não há relações dialógicas. Considere-se, p. ex. $p / \sim p$. Entre esses juízos há uma certa relação lógica: um é a negação do outro. Mas entre eles não há relações dialógicas. Para que possa surgir relação dialógica ou para que se possa dar-lhes um tratamento dialógico, é necessário que eles se materializem.

Para Bakhtin (1981: 159), “as relações dialógicas são absolutamente impossíveis sem relações lógicas e concreto-semânticas mas [aquelas são] irredutíveis a estas e têm especificidade própria. Para tornarem-se dialógicas, as relações lógicas e concreto-semânticas devem (...) materializar-se, ou seja, devem passar a outro campo de existência, devem tornar-se discurso, ou seja, enunciado e ganhar *autor*, criador de dado

enunciado cuja expressão ele expressa.” As relações dialógicas expressam-se nos enunciados, nas posições dos sujeitos.

Não há discurso sem sujeitos de enunciados. Sem os sujeitos, teríamos apenas juízos, formas lógicas, orações, que vimos Bakhtin “condenar” na citação acima. O discurso implica fatores diversos, entre outros, um sujeito.

O que é importante concluir é que o sujeito do discurso não é um sujeito “em si”, livre de regras ou condicionamentos exteriores, históricos. A fala do sujeito é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social e são as formações discursivas (FDs) que determinam “qual é e fornecem a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito” (Foucault, 1969:109).

A constituição do lugar de sujeito pode ser resumida com a seguinte formulação de F. Flahault (1978:50): “cada um alcança sua identidade a partir e no interior de um sistema de lugares que o ultrapassa”.

A partir de certas regularidades do material discursivo em análise, examinaremos as estratégias discursivas utilizadas, que mostram como se dá a constituição dos sujeitos nos discursos dos grupos em confronto pelo poder que chamarei de *sujeito do grupo da situação* e *sujeito do grupo de oposição*. Para isso, analisarei os lugares em que eles se representam.

O sujeito situacionista

O sujeito do grupo situacionista representa-se, em seus discursos, através do lugar institucional mobilizando um léxico coletivo (isto é, que evita referência a sujeitos individuais), referente ao espaço institucional, através, por exemplo, de expressões como: **a UNIR, a administração da UNIR, a atual administração da UNIR, gestão Dettoni.**

O sujeito situacionista é representado a partir das imagens de competente, sério e honesto, administrador racional, e incompreendido.

O sujeito oposicionista

O sujeito oposicionista é constituído discursivamente a partir das diferentes imagens que compõem seu lugar depositor.

Os discursos produzidos pelo sujeito do grupo de oposição (como todo sujeito) sempre pressupõem uma imagem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Essas imagens constituem as diferentes representações da figura de candidato a reitor em oposição ao adversário situacionista, dirigidas aos eleitores instituídos por tais discursos.

O sujeito oposicionista joga em seu discurso com as imagens *de candidato não continuísta, legítimo, competente, democrático e comunidade universitária.*

Essas imagens correspondem à forma como deseja ser visto pelos eleitores, isto é, como distinto do candidato situacionista.

Essas imagens que os candidatos construíram de si revelam as imagens que eles supõem sejam as desejadas num candidato a reitor pela comunidade universitária. Entretanto, é preciso, e nisso concordamos com Maingueneau (1993:45), “afastar qualquer preocupação ‘psicologizante’ e ‘voluntarista’, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir no seu auditório”. Na realidade, do ponto de vista da AD,

esses efeitos são impostos pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva (...). As imagens constituem dentre outras formas, apagamentos do indivíduo por trás do estatuto do *nós, comunidade universitária, administração, Unir, democrata, competente, legítimo, incompreendido*. Uma análise de outros episódios eleitorais provavelmente identificará estratégias e fenômenos discursivos semelhantes aos encontrados no episódio da UNIR.

Os sujeitos se constituíram a partir dos lugares que ocuparam na formação discursiva. Ou seja, seus discursos se apóiam na mesma Formação Discursiva, no interior da qual duas Formações Ideológicas (FI) se digladiam.

3.2.2. A constituição do outro discursivo.

No processo discursivo, os locutores não falam no “vazio”. Para Pêcheux, são as antecipações das representações do *outro* que fundam as estratégias discursivas do enunciador. É pela antecipação que o locutor experimenta o lugar do seu interlocutor, a partir de seu próprio lugar. A antecipação de B por A, para Pêcheux (1969:85), “depende da ‘distância’ que A supõe entre A e B para *transformar o ouvinte* (tentativa de persuasão, por exemplo) e quando *o orador e seu ouvinte se identificam* (fenômeno de cumplicidade cultural...) (...)”.

Por terem direito (no momento) à palavra, os locutores se acham também no direito de conduzir por ela o leitor. Para Osakabe (1979:63-4) “sob esse aspecto, a imagem fundamental que o locutor faz do ouvinte é a de dominado, isso pela própria situação de aparente inércia que tem o ouvinte naquele momento. Mas se, do ponto de vista meramente funcional, o ouvinte parece ao locutor como entidade passiva e, portanto, dominável e dominada pela sua palavra, do ponto de vista do fornecimento de um ponto de partida necessário ao desenvolvimento do discurso, parece que o ouvinte tem uma função mais decisiva, à medida que o locutor o situa num quadro de significações que ele próprio é obrigado a obedecer.” De fato, então, não é a tirania do locutor ou do interlocutor que determina, por exemplo, o que se pode ou não dizer, e sim a inter-relação entre ambos numa dada instância.

Objetivando conduzir o eleitor à aceitação dos programas de campanha e dos conteúdos informativos e, conseqüentemente, à votação nos seus candidatos, os locutores dos dois grupos antagonísticos, ao produzirem seus discursos, compõem um quadro de imagens sobre o *outro* enquanto *eleitor* e enquanto *adversário político*.

A constituição do outro discursivo pelo grupo situacionista

O Eleitor

O **GS**, nos textos oficiais de campanha, não se dirige ao eleitor explicitamente, seja para pedir voto, para contar com ele ou pedir colaboração. Como o discurso do grupo situacionista é caracteristicamente de prestação de contas e de defesa das acusações feitas pelo **GO**, ao se dirigir ao eleitor, representa-o, dentre outras formas, através das seguintes imagens: *comunidade acadêmica, comunidade inteligente, comunidade que usufrui de benfeitorias*.

O adversário opositorista

As representações que o **GS** faz do seu adversário, em geral, estão presentes em seu discurso de defesa às acusações ao Projeto Pique. O *outro* é mostrado como *desinformado e leviano*.

A constituição do outro discursivo pela oposição

O Eleitor

O grupo de oposição representa o eleitor a partir de diferentes configurações tais como: *indefeso, servil, passivo*.

O adversário situacionista

As representações que o grupo opositorista faz do adversário político refletem uma avaliação. Esta é feita a partir do lugar de oposição, que reflete assim sua posição ideológica. O adversário é representado, principalmente, pelas seguintes imagens: *autoritário, antidemocrático, incompetente, representante de partido político*.

3.2.3. A constituição da topografia discursiva

A topografia é o lugar “físico” a partir do qual o sujeito toma a palavra. A topografia, enquanto dimensão constitutiva do discurso, é também um elemento constitutivo do cenário enunciativo. Por isso, o corpus é apreendido a partir dos atos de enunciação que o constituíram.

A topografia discursiva do grupo situacionista

A topografia do grupo situacionista é situada, fundamentalmente, na instituição (espaço institucional), trata-se de subdivisões administrativas da Universidade, e apenas excepcionalmente, de sua inserção na região. Essa topografia é instituída por diversos termos tais como: *campi, campus, consultório odontológico, departamento, região norte e regional*.

A topografia discursiva do grupo opositorista

O discurso do grupo da oposição institui, como topografia, fundamentalmente, o espaço de uma universidade regional. Esse lugar é instituído através da saturação de termos ou expressões, tais como, *Estado, Amazônia, região amazônica, Brasil*, os quais delimitam topos físicos.

3.2.4. Constituição da cronografia discursiva

A cronografia corresponde às fases, aos tempos ou aos processos de onde o discurso é enunciado. O estabelecimento da cronografia discursiva pelos grupos está fortemente relacionado com as respectivas representações a partir dos lugares, de situacionista, de opositorista, assim como das respectivas posições ideológicas de cada um.

A cronografia do grupo situacionista

A cronografia do **GS** é unitária e se situa no tempo de “hoje”. Esse tempo é caracterizado pelo período que o **GS** está no poder. É um tempo de *desenvolvimento*, do *progresso*, da *seriedade*, e por isso deve continuar.

A cronografia do grupo opositorista

Como a cronografia do **GO** é instituída a partir do seu lugar de oposição e da sua posição ideológica, seu discurso constrói uma cronografia dupla: o tempo de “hoje” e o tempo “futuro”.

O tempo presente é caracterizado pela incompetência e pelo autoritarismo e o tempo futuro é representado como sendo o tempo do dinamismo e da democracia, pois é o tempo em que ele (o **GO**) estaria no poder. O **GO** produz, assim, uma cronografia dupla. Vejamos tais cronografias.

O tempo presente é instituído a partir das representações de *estagnação, isolamento, processo de autoritarismo e processo de definição dos rumos da UNIR*.

O tempo futuro é instituído a partir das representações de *tempo do progresso e da democracia*.

3.3. Os Lugares Fundadores

Como o discurso não é autônomo, ele remete sempre a outros discursos. Os lugares fundadores compreendem os discursos anteriores, que o discurso presente repete e a partir dos quais se legitima.

Na definição de lugares fundadores, aqui esboçada, é importante ressaltar que, pelo fato de o discurso não ser homogêneo, há nele uma grande circulação de outros discursos pertencentes à várias regiões do saber. A identidade dos discursos será definida, por conseguinte, pela mediação do sistema de diferenças.

Para o estabelecimento dos lugares fundadores, analisaremos a forma como os discursos constroem seus passados textuais. Nesta parte deste artigo, buscarei precisamente caracterizar os discursos que circulam nos textos produzidos pelos dois grupos, considerando as especificidades das suas condições de produção.

Lugares fundadores do discurso do grupo da situação

O lugar fundador se constitui na reprodução de discursos retirados de outros discursos, que localizam o espaço no qual a enunciação se funda, ou seja, o topos onde se localizam enunciações formuladas anteriormente, pertencentes a várias regiões do saber, assim como às posições ideológicas.

No discurso do **GS** encontramos cenas do **discurso progressista**.

Encontramos também vestígios de **discurso universitário reformista**, em que as preocupações principais são as de ordem administrativas e funcionais em relação ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Os enunciados mostram a identificação do discurso do **GS** com o chamado “Movimento Reformista Universitário”, de âmbito latino-americano, cujo ideário basicamente propõe reformas institucionais.

Lugares fundadores do discurso do grupo da oposição

Como não existe discurso autofundado, de origem absoluta, também o grupo de oposição (**GO**), ao enunciar, situa-se em uma memória discursiva que supõe o enunciado inscrito na história.

O **GO** constrói seu discurso como defensor de uma certa concepção de universidade, a partir do repertório de discursos fundadores tais como:

4. DISCURSOS IDEALISTA E DA URGÊNCIA.

A presença de modalizadores como “*é função impostergável da universidade ser, deve ser*”, expressam claramente urgência. Esta significa o topos da utopia defendida pelo **GO**.

Na topografia fundadora do **GO** encontramos, a partir do léxico utilizado, repertório dos **discursos religioso cristão e humanista utópico**. O sujeito recorre a esses discursos para criar um efeito de adesão por parte do eleitorado, ou seja, supõe que esses valores religiosos e morais são aceitos pelos eleitores e pretende mostrar que os mesmos caracterizam as suas preocupações políticas e conduzem sua prática política. Por isso, estão presentes valores como: amor, paixão, companheirismo fraterno, alegria, beleza, prazer, tratamento de igualdade, fraternidade, solidariedade, etc.

Apresentam-se como defensores de uma concepção e de um projeto de **universidade progressista**. Por isso, em seus discursos, usam termos característicos do discurso de esquerda, tais como: universidade democrática, universidade pública e gratuita, coletivo, povo, debate, pluralidade.

Encontramos também, no discurso do **GO**, identificação com o discurso **tecnocrático** que, segundo Wanderley (1994:13), concebe “a educação como instrumento para o desenvolvimento econômico e social, a universidade formando recursos humanos e provendo *know-how* técnico e científico para a produção econômica e para a administração pública e privada (...) [defende] reformas internas (modernizar carreiras, métodos, aumentar vagas e instalações etc.).”

Não sendo mero aparato argumentativo, o discurso do **GO** repete enunciações do “discurso universitário revolucionário pós-64”, que defendia uma mentalidade pragmática e utilitarista em detrimento de ações para uma formação balanceada pela formação geral humanista, propiciadora de valores éticos fundamentais.

Os dois grupos privilegiam em seus discursos os aspectos administrativos e funcionais dos seus projetos e sequer citam algum aspecto dos projetos autonomistas, que segundo Wanderley (1994:13) “defendem reformas externas como as mais importantes, querem um uma ciência militante, reivindicam uma universidade politizada e totalmente participante, e defendem-nas como autônomas do Estado, com crítica constante da sociedade e do regime nos quais se insere.

5. CONCLUSÃO

A partir das análises apresentadas na dissertação, pôde-se caracterizar as tensões entre sujeitos e condições de produção de sentidos em uma disputa pelo poder entre grupos que instituíram os lugares discursivos e fundadores que constituíram a cenografia enunciativa.

Partindo-se de regularidades discursivas na ordem do sentido (semânticas) - de forma inicialmente um pouco intuitiva - foi possível agrupar os discursos em dois grupos, situação e oposição. Desta forma, foi possível focalizar processos de significação instalados nos discursos dos dois grupos. Os lugares de situação e oposição, assim como posições ideológicas específicas, interferiram diretamente na configuração dos discursos dos dois grupos.

Talvez, a contribuição desta dissertação seja o fato de ela colocar à prova a teoria a partir da qual se trabalhou, diante de fatos empíricos bastante singulares, como os que vimos na constituição da Cenografia Discursiva, ao se analisar programas de campanha, informativos de campanha, artigos de jornal, documentos jurídicos, panfletos. Muitos e diferentes textos produzidos nas condições de produção de uma disputa eleitoral (antes e depois das eleições) para reitor foram examinados a partir de alguns pressupostos relativos em especial à posição dos sujeitos e à relação entre os discursos e seu “exterior”.

Apesar de este trabalho ser uma tentativa de aplicação de princípios da Análise do Discurso, ele não se restringiu a isso, visto que, ao trabalhar com conceitos e categorias da AD a partir de uma metodologia que pudesse dar conta da análise dos dados, foi instituído um modelo que o próprio processo de análise de certa forma conduziu, e que pode contribuir, de alguma forma, em outros trabalhos, espero, para a realização de análises no quadro teórico da AD.

A Cenografia Enunciativa é elaborada ao analisarmos as representações dos sujeitos, assim como a heterogeneidade mostrada dos discursos. Observamos que as representações estavam diretamente ligadas não apenas às posições permitidas pela FD, às posições ideológicas, mas precisamente aos lugares de situação e oposição. Pois, como afirma Pêcheux (1975:213), “não há prática de um sujeito, mas há apenas sujeitos de diferentes práticas”. Embora a FD a partir da qual os discursos foram produzidos seja a mesma, a cenografia dos discursos é um confronto de posições ideológicas diferentes na luta pelo poder.

A partir da análise do funcionamento discursivo dos vários gêneros do discurso, que compõem os capítulos da dissertação, pôde-se observar que a constituição dos grupos e dos sujeitos no seu interior, caracterizaram-se por relações discursivas tensas. Percebeu-se que as formas de representar o outro diferem a partir do lugar que os sujeitos ocupam. Desta forma, conclui-se que os lugares discursivos propiciam especificidades de estratégias discursivas em discursos políticos em confronto.

Reconhecemos que nossa dissertação apresenta uma proposta simples de modelo de análise. Por isso, outros trabalhos, com certeza, poderão sofisticá-lo, ao trabalhar outros aspectos da heterogeneidade discursiva. De qualquer forma, estamos relativamente satisfeitos por conseguirmos demonstrar a viabilidade de nossa proposta de um “modelo combinado” para análise de uma cenografia enunciativa de discursos políticos.

O que a dissertação mostra é, em primeiro lugar, que uma disputa eleitoral numa universidade não é muito diferente de uma disputa eleitoral em outro contexto: utilizam-se os mesmos recursos e as mesmas estratégias discursivas. Apesar da aparente falta de

novidade desse resultado, o ganho político poderia ser significativo, se aprendesse com fatos como o aqui analisado.

Do ponto de vista da análise do discurso, o ganho mais significativo parece ser a demonstração da compatibilidade de conceitos de Pêcheux - imagens - e de Maingueneau - dêixis discursiva e fundadora. Essa compatibilidade mostra que, mesmo nos discursos teóricos, importam menos os sujeitos do que os discursos.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. (1972). **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.
- FLAHAULT, F. (1972). **La parole intermédiaire**. Paris, Le Seuil, 1978.
- FOUCAULT, M. (1969) **A arqueologia do saber**, Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986 (trad. de Arquéologie du savoir).
- ____ (1970) **L'ordre du discours**, Paris, Gallimard, 1971.
- GINZBURG, C. **Signes, traces, pistes**, Le Débat (6): 3-44, nov. de 1980.
- MAINGUENEAU, D. (1987). **Novas tendências em análise do discurso**, Campinas-SP, Pontes, 1993, (trad. Nouvelles tendances en analyse du discours).
- ____ (1984). **Genèses du discours**, Bruxelles, Mardaga.
- OSAKABE, H. (1979). **Argumentação e discurso político**, São Paulo, Kayrós.
- PÊCHEUX, M. (1969). "Análise automática do discurso", in F. Gadet e T. Hak (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux**, Campinas-SP, Editora da UNICAMP, 1993, pp. 61-161 (trad. de **Towards an automatic discourse analysis**).
- ____ (1975) **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas - SP, Editora da Unicamp, 1988, (trad. de **Les vérités de la Palice**).
- WANDERLEY, L. E. W. (1987) **O que é universidade**, São Paulo, Brasiliense, 1994.
- TODOROV, T. (1981) **Mikhaïl Bakhtine - le principe dialogique: suivi de écrits du cercle de Bakhtine**. Paris, Seuil.